

SILÊNCIO E SILENCIAMENTO

Cleide Emília Faye Pedrosa

“O silêncio não é a ausência de palavra, ele é o que há entre as palavras, entre as notas de música, entre as linhas, entre os astros, entre os seres.” (J. de Bourbon Busset)

“O silêncio não são as palavras silenciadas que guardam no segredo, sem dizer. O silêncio guarda um outro segredo que o movimento das palavras não o atinge.” (M. LêBot)

Introdução

E escrever sobre silêncio e silenciamento é uma maneira de tratar o não-dizível e o que não se pode dizer de forma significativa. Isto caminha obrigatoriamente pela linguagem, o dizível.

Enni P. Orlandi nos leva a tentar compreender que “há um modo de estar em silêncio que corresponde a um modo de estar no sentido e, de certa maneira, as próprias palavras transpiram silêncio. Há silêncio nas palavras.”¹ “... quando dizemos que há silêncio nas palavras, estamos dizendo que: elas são atravessadas de silêncio; elas produzem silêncio; o silêncio fala por elas”². E há um modo de estar no silenciamento, que corresponde ao “por em silêncio”, processo que gera sentidos silenciados.

O silêncio é a “respiração”, o fôlego de vida da significação. É nele que o sentido faz sentido tendo em vista ser ele seu horizonte.

O silêncio no contexto religioso difere radicalmente do silêncio no contexto histórico-social. Neste, “um homem em silêncio é um homem sem sentido”³, um homem silenciado. Naquele, um homem em silêncio “faz falar a voz de Deus”⁴. A presença do divino acontece no silêncio. Ele, com certeza, é um apoio ao serviço de adoração ou funciona como um veículo que prepara o homem para experiências pessoais subliminares.

Como o silenciamento está basicamente ligado ao aspecto político, corretivo, etc, iremos investir no silêncio e seu significado nos serviços religiosos.

Cleide Emília Faye Pedrosa é professora de Linguística na Universidade Federal de Sergipe.

¹Enni P. Orlandi, *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos* (Campinas, SP:

Editora da UNICAMP, 1995), 11.

²Ibid., 14.

³Ibid., 37.

⁴Ibid., 30.

No Princípio o Silêncio, a Linguagem Veio Depois

No princípio criou Deus os céus e a terra. A terra, porém era sem forma e vazia; havia trevas sobre a face do abismo, e o Espírito de Deus pairava sobre as águas. Disse Deus... (Gn 1:1-3).

No princípio, o silêncio, até que foi ouvida a voz de Deus. O ato de falar de Deus quebrou o silêncio (não para nós, é claro), não o mesmo silêncio que Ele institui como forma de nos comunicarmos com Ele mais tarde, não o silêncio-sentido, o meditativo. Porém, Ele quebrou o silêncio-ausência, pois há muitas formas de silêncio. Há o silêncio religioso e os outros silêncios. As palavras são múltiplas, porém os silêncios também os são. A linguagem não é transparente, o silêncio também não é.

Muitas vezes, o silêncio é incômodo ao homem. Pilatos incomodou-se sobremaneira com o silêncio de Cristo (Mc 15:4). Porém se lembrarmos que quando não articulamos, não estamos simplesmente mudos, mas em silêncio, lembrando que nele há o pensamento, a meditação, a introspecção, a contemplação, etc. O silêncio incomodará menos, passará a ter uma dimensão profunda. Mas Pilatos não tinha condições de compreender isto, sua esposa, com auxílio divino, conseguiu alcançar a dimensão deste silêncio de Cristo e tentou ajudar o marido, contudo seus esforços não foram correspondidos; talvez porque o próprio Pilatos falava demais como forma de “silenciar”/apagar os pensamentos que o atormentavam em saber que estava em suas mãos o julgamento de um inocente.

Esboço Histórico do Silêncio Religioso

Na Grécia, o silêncio tinha um lugar de destaque. Pitágoras exigia de um a três anos de silêncio como forma de iniciação na ordem religiosa. Sócrates ressaltava que o silêncio era uma forma de conhecimento bem mais importante que a própria linguagem.

No Velho Testamento há bem mais referências ao silêncio que no Novo Testamento.

Na Idade Média, os místicos, os cristãos, os persas, os hindus, os árabes, e os judeus fizeram ampla utilização do silêncio como uma forma de se encontrar com Deus.

Os católicos da Contra-Reforma e os Quietistas do século XII destacavam bastante o silêncio e o tornavam, como prática da presença de Deus, o centro de sua religião.

Não podemos esquecer a Sociedade dos Amigos, ou *Quakers*, para quem o silêncio também tem um lugar central.

Difícilmente, encontraríamos, até mesmo seitas, em que o silêncio não fosse visto como tendo um poder “mágico”.

Silêncio/Reverência na Presença de Deus

O Senhor está no seu santo templo; nos céus tem o Senhor seu trono;
Os seus olhos estão atentos, as suas pálpebras sondam os filhos dos homens. (Sl 11:4).

O Senhor, porém, está no seu santo templo; cale-se diante dele toda a terra. (Hc 2:20).

A razão dos fiéis buscarem determinados alinhamentos (comportamentos que estão de acordo com) a fim de se enquadrarem nos serviços religiosos é dada através do que todos os cristãos a consideram como sendo um livro de inspiração divina a Bíblia Sagrada. Logo, segundo alguns textos, o primeiro aspecto a considerar no alinhamento seria o *silêncio/a reverência* - "cale-se diante dele toda a terra." Confirme-se através de outros textos: "Guardareis os meus sábados, e reverenciareis o meu santuário: Eu sou o Senhor" (Lv 19:30). Desse modo, o que determina o enquadre (atitude correta para aquele evento), sem dúvida, é o senso da presença de Deus. As citações bíblicas são referências determinantes que orientam o comportamento que demonstra reverência diante de Deus.

Os Adventistas também têm outras fontes de orientações sobre como devem se portar no santuário. Para nós, a escritora Ellen G. White (séc. XIX) recebeu inspiração divina para orientar em vários aspectos da vida religiosa: educação, saúde, regime alimentar, instruções proféticas, adoração e reverência, etc. Então através de seus livros, nós recebemos outros detalhes de atitudes esperadas dos adoradores.

Bom seria aos jovens e velhos estudar e ponderar, e muitas vezes repetir aquelas palavras das Santas Escrituras que mostram como o lugar assinalado pela presença especial de Deus deve ser considerado. Tira os teus sapatos de teus pés", mandou Ele a Moisés na sarça ardente, 'porque o lugar em que estás é santa'. (Exo.3:5.) Jacó, depois de contemplar a visão dos anjos, exclamou: 'Na verdade o Senhor está neste lugar; e eu não o sabia... Este não é outro lugar senão a casa de Deus; e esta é a porta dos Céus.' (Gen. 28:16 e 17).⁵

A reverência que o povo antigamente revelava para com o santuário onde se encontrava com Deus, em serviço santo, quase deixou de existir completamente. Entretanto, Deus mesmo deu as instruções para Seu culto elevando-o acima de tudo quanto é terreno.⁶

... a igreja é o santuário da congregação. Devem existir aí regulamentos quanto ao tempo, lugar e maneira de culto...⁷

A fim de considerar o silêncio como importante modo de comportamento e comunicação, podemos partir da definição de silêncio como ausência de vocalização e intermediar através de seu sentido etimológico, *silentium/silens*, significando: que se cala, silencioso, que não faz ruído, calmo, que está em repouso,

⁵Ellen G. White, *Orientação da criança* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1993), 539.

⁶Ibid., 540.

sombra etc. E pensar o silêncio como não sendo ausência ou vazio, mas como tendo significado.

Philips foi quem apresentou uma distinção teórica mais geral para o estudo da fala e do silêncio. Ela distingue entre a “interação estruturada através da fala” e a “interação estruturada através do silêncio”⁸. Assim podemos perceber o silêncio como uma categoria comunicativa interacional, por isso, é capaz de expressar uma variedade de significados.

Como o silêncio significa uma atitude que se manifesta de múltiplas maneiras, ele passa a ser objeto de reflexão de diferentes teorias: Filosofia, Psicanálise, Semiologia, e também da linguística.

De acordo com J. de Bourbon Busset “o silêncio não é ausência de palavras, ele é o que há entre as palavras, entre as notas de música, entre as linhas, entre os astros, entre os seres”⁹. Mas para Orlandi, “o silêncio não está apenas ‘entre’ as palavras. Ele as atravessa”¹⁰. “O silêncio não são as palavras silenciadas que se guardam no segredo, sem dizer. O silêncio guarda um outro segredo que o movimento das palavras não atinge”¹¹. Quando não utilizamos as palavras, não estamos simplesmente mudos, estamos em silêncio e se considerarmos que o silêncio é múltiplo, podemos identificar: “o silêncio das emoções, do místico, o da contemplação, o da introspecção, o da revolta, o da resistência, o da disciplina, o do exercício do poder, o da derrota da vontade, etc”¹².

Na comunicação humana, a presença do silêncio faz aparecer a falta de simetria entre os interlocutores, na comunicação divina, a intervenção do silêncio é simétrico, mostra que o homem está em sintonia com Deus.

Orientações Quanto ao Alinhamento e Enquadre nos Serviços Religiosos

a. O antes

Se faltam alguns minutos para o começo do culto, os crentes devem entregar-se à devoção e meditação silenciosa, elevando a alma em oração a Deus para que o culto se torne para eles uma bênção especial...¹³

Segundo a mesma escritora, os crentes devem entrar reverentemente na Casa de Deus e silenciosamente sentar-se. Cochichos, risos, conversas não devem ser aceitos na casa de culto. “Perdemos geralmente muito da suave comunhão com Deus pela nossa falta de quietude e por não nos darmos à reflexão e oração”¹⁴. Em continuidade, ela declara: “Se os crentes, ao entrarem na casa de oração, o fizessem com a devida reverência, lembrando-se de que se acham ali na presença do Senhor, seu silêncio redundaria num testemunho eloquente”.

⁷ Ibid., 541.

⁸ Philips, citado em Orlandi, *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*.

⁹ J. de Bourbon Busset, citado em Orlandi, 70.

¹⁰ Orlandi, 71.

¹¹ M. LêBot, citado em Orlandi, 72.

¹² Orlandi, 44.

¹³ Ellen G. White, *Testemunhos seletos* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1995), 2:194.

¹⁴ Ibid.

b. O durante

Quando a Palavra é exposta, deveis lembrar-vos, irmãos, de que é a voz de Deus que vos está falando por meio de Seu servo..¹⁶

Ellen G. White asseverou:

Estou alarmada ao ver crianças e jovens, filhos de pais religiosos, tão descuidados da ordem e propriedade que devem ser observadas na casa de Deus. Enquanto os servos de Deus apresentam ao povo as palavras de vida, alguns estão lendo; outros cochichando e rindo...Esse hábito, se não for corrigido, crescerá, e influenciará a outros..¹⁷

Praticai a reverência até que ela se torne parte de vós mesmos..¹⁸

Segundo Ellen G. White, a irreverência dos cristãos na igreja é um dos motivos mais sérios que justificam porque o ministério não apresenta grandes resultados. Ela diz: “Todo o serviço deve ser efetuado com solenidade e reverência, como se fora feito na presença pessoal de Deus mesmo”¹⁹. Aconselha também que na hora de apresentação do sermão não se deve dormir, porque assim fazendo, os fiéis poderiam perder as palavras de que mais necessitavam ouvir.

Às vezes é uma criança que desvia de tal modo a atenção dos ouvintes que a semente preciosa não caia em terreno fértil para produzir fruto. Outros, são os moços e moças que revelam tão pouco respeito pela causa de Deus, que se entretêm a conversar durante a pregação..²⁰

O motivo para tanto cuidado é porque quer estabelecer uma comunicação eficaz com seus filhos e o silêncio é o pré-requisito máximo.

c. O depois

Ao ser pronunciada a bênção, todos devem conservar-se quietos, como temendo ficar privados da paz de Cristo. Saiam então sem se atropelar e evitando falar em voz alta, portando-se como na presença de Deus e lembrando-se de que Seus olhos repousam sobre todos..²¹

Após o culto, segundo as orientações, os membros não devem deter-se nos corredores para encontros e conversas, não devem impedir a saída dos outros. Até os arredores imediatos da igreja devem “caracterizar-se por uma grave solenidade”, os crentes devem evitar tornar estes lugares pontos de encontros com os amigos, evitando conversas e negociação. “Tais coisas não convêm na casa de Deus.”

¹⁵ Ibid.

¹⁶ Ibid., 195.

¹⁷ Idem, *Mensagem aos jovens* (Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1978), 86.

¹⁸ Ibid., 266.

¹⁹ Idem, *Testemunhos seletos*, 2: 195.

²⁰ Ibid., 195, 196.

²¹ Ibid., 196

Os Adoradores: Orientações e Atitudes

a. Os adultos/pais

“Irmãos, não seria bom meditardeis um pouco sobre este assunto, reparando na maneira por que vos conduzis na casa de Deus e nos esforços que estais envidando por preceito e exemplo...”²²

Conforme Ellen G. White, os filhos estão se corrompendo devido ao exemplo e frouxa disciplina dos seus pais, que falham grandemente na educação doméstica.

Devido a falha dos pais que se perpetua nos filhos, ela adverte com pesar:

“Não admira que nossas igrejas estejam fracas e não reine nelas a reverência profunda que as deveria caracterizar. Nossos atuais hábitos e costumes, que desonram a Deus e tornam banais as coisas divinas, nos são contrárias”.²³

A educadora continua considerando o assunto: “Quase todos precisam ser ensinados como se portar na casa de oração. Os pais devem não só ensinar, como exortar os filhos a entrarem no santuário divino com seriedade e reverência”. Eles são exortados a ficar com os filhos próximos a si.

b. Os jovens

“O respeito à casa de Deus e a reverência a Seu culto são a poucados no espírito dos jovens”.²⁵

Ellen G. White orienta: “A reverência é grandemente necessária na juventude deste século”²⁶. Ela também notifica que os jovens têm o privilegio de glorificar a Deus na Terra. Para ela, os jovens têm uma grande tentação que é a irreverência, por isso aconselha: “Vigiais e orai, para não cairdes em tentação! Uma de vossas mais fortes tentações é a irreverência. Deus é altíssimo e santo; e, para a humilde alma crente, Sua casa na Terra, o lugar em que Seu povo se reúne para adorá-lo, é a porta do céu”.²⁷

Não tenhais tão pouca reverência pela casa e o culto de Deus, a ponto de palestrar uns com os outros durante o sermão. Se os que cometem essa falta pudessem ver anjos de Deus observando-os e anotando suas ações, encher-se-iam de vergonha e desprezo de si próprios. Deus quer ouvintes atentos.

c. As crianças:

A verdadeira reverência para com Deus é inspirada por uma intuição de Sua infinita grandeza e consciência de Sua presença. Com esta percepção do Invisível deve ser profundamente impressionado o coração de toda criança..²⁹

²²Ibid., 197.

²³Ibid.

²⁴Idem, *Orientação da criança*, 540.

²⁵Idem, *Parábolas de Jesus* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1996), 54.

²⁶Idem, *Mensagens aos jovens*, 265.

²⁷Ibid.

²⁸Ibid., 266.

²⁹Idem, *Orientação da criança*, 235.

Observe-se o que Ellen G. White menciona sobre reverência e adoração:

Frequentemente a casa de Deus é desonrada e o sábado violado, pelos filhos de observadores do Sábado. Em alguns casos, é-lhes até permitido correr de uma parte para outra na casa, brincar, conversar e manifestar seu mau gênio, mesmo nas reuniões em que os anjos devem adorar a Deus na beleza da santidade. E o lugar que deve ser santo, e onde deve reinar santa calma, e onde deve haver perfeita ordem, limpeza e humildade, é transformado numa perfeita babilônia, “numa confusão”. E isso é suficiente para o desagrado de Deus e para desviar Sua presença de nossas assembléias.³⁰

Pais, exaltai o padrão do cristianismo no espírito de vossos filhos; ajudai-os a entretecer a pessoa de Jesus em sua experiência; ensinai-os a ter o maior respeito pela casa de Deus e a compreender que quando entram ali devem fazê-lo com o coração comovido.³¹

Conclusão

Observando uma comunidade religiosa, em relação a sua reverência/silêncio nos serviços religiosos, detectamos que embora ela receba muitas orientações necessárias para um bom enquadre religioso, inclusive com atuais sugestões para sanar algumas dificuldades geradas pelo encontro social que obviamente ocorre, verificamos que a irreverência tem se instaurado não só nessa igreja, mas também em outras que visitamos. O silêncio que revela meditação e encontro com Deus tem sido substituído, infelizmente, por conversas, demonstrando, muitas vezes, que o encontro com o próximo tem prioridade sobre o encontro com Deus.

Nossa sugestão é que se intensifique ou ponham em prática, novamente, algumas das decisões já tomadas pela Igreja:

- Que os 15 minutos de cânticos ocorram em todos os cultos, às vezes há atrasos (dez ou só cinco minutos de louvor) e não ocorrem em todos os cultos. Sendo esses momentos de conversa e encontros sociais transformados em adoração.

- Que os anúncios (momentos de mais irreverência) sejam dados em boletim e seja colocado no quadro de avisos. Quando a Igreja não apresentar recursos financeiros suficientes para este procedimento, que faça parte do enquadre do culto divino (algumas igrejas já utilizam esse critério) tendo em vista os membros se encontrarem alinhados para este serviço religioso. E que a pessoa responsável pelo setor de comunicação os apresente de forma objetiva, com uma linguagem direta, sem rodeios, sem repetições. Muitos dos anúncios que já presenciamos são feitos sem objetividade, gastando muito tempo, o que vem proporcionar um prolongado “recreio”.

- Que haja um tempo determinado para que adolescentes, juvenis e crianças, que estão em salas separadas durante a Escola Sabatina, entrem na nave da igreja, evitando-se a entrada desordenada, aparentando grande movimentação na igreja.

³⁰ Ibid., 240.

³¹ Ibid., 541.

- Que as crianças sentem-se junto aos pais como é a orientação que os membros recebem, e que estes realmente se preocupem em ensiná-los reverência na casa de adoração. É comum presenciarmos pais apresentando uma adoração até digna de louvor, enquanto seus filhos juntos a si estão irreverentes. Lembremos de Eli.

- Que haja mais leituras individuais e congregacionais sobre a atitude dos adoradores, às vezes, um longo período sem essas leituras, faz com que os membros esqueçam de determinadas orientações. Relevamos este como um ponto prioritário. Nós mesma nos espantamos com a releitura dessas orientações. Não se perde nada com a prática de reavivar a memória, muito pelo contrário.

Em encontros nas igrejas para os serviços religiosos não é fácil delimitar e respeitar as fronteiras do encontro “face-a-face” com o divino e face-a-face com o próximo.

Biblicamente, para as igrejas cristãs, o divino sempre procurou se comunicar com os seres humanos:

“E chamou o Senhor Deus ao homem, e lhe perguntou: Onde estás?” (Gn 3:9);

“Então disse Deus a Noé...” (Gn 6:13);

“Ora disse o Senhor a Abraão ...” (Gn 12:1);

“... Moisés falava e o Senhor lhe respondia ...” (Êx 19:9);

“... veio a palavra do Senhor a Elias ...” (1Rs 18:1).

E ao se comunicar com os homens, Deus sempre indicava Sua presença e solicitava reverência, silêncio ou outras atitudes que demonstravam o respeito do homem diante da presença do divino:

Vendo o Senhor que ele se voltava para ver ... e disse: Moisés, Moisés! ... Não te chegues para cá; tira as sandálias dos pés porque o lugar em que estás é terra santa. (Êx 3:4,5);

Despertando Jacó do seu sono, disse: Na verdade o Senhor está aqui (Gn 28:16,17);

Subiu Moisés a Deus, e do monte o Senhor o chamou ... Todo o monte Sinai fumegava porque o Senhor descera sobre ele ... (Êx 19:3,18);

Pôs-se Salomão diante do altar do Senhor ... Tendo Salomão acabado de orar, desceu fogo do céu, e consumiu o holocausto e os sacrifícios; e a glória do Senhor encheu toda a casa (2Cr 6:12; 7:1).

Outros textos bíblicos que solicitam silêncio e reverência foram citados em outros pontos do artigo.

Assim podemos verificar que o silêncio, como sinal de reverência, “não é o nada, não é o vazio sem história”³². Ele tem significação própria, não sendo mero complemento da linguagem.

Com esse posicionamento de silêncio significante, pode-se instaurar uma nova realidade em que o silêncio não seria “falta”, a linguagem é que seria “excesso”, como expõe Orlandi. “o silêncio não é o vazio, o sem-sentido; ao contrário, ele é o indício de uma totalidade significativa. Isto nos leva à compreensão do 'vazio' da linguagem como *horizonte* e não como *falta*”³².

Segundo a mesma autora “... o que funciona na religião é a *onipotência do silêncio divino*. Mais particularmente, isto quer dizer que, na ordem do discurso religioso, Deus é o lugar da onipotência do silêncio. E o homem precisa desse lugar, desse silêncio, para colocar uma sua fala específica: a de sua *espiritualidade*”.³⁴

³² Orlandi, 23.

³³ Ibid., 70.

³⁴ Ibid., 30.